

A vida como repetição da morte: Freud à luz de Deleuze e Foucault

Carolina Noto

Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC

RESUMO

Diante das dificuldades do dualismo pulsional de Freud, o presente artigo levanta a hipótese de que seria possível compreender a diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte em termos de empírico e transcendental. Essas categorias permitiriam pensar que o organismo, e em particular o aparelho psíquico, tem duas funções que poderiam ser, metodologicamente, diferenciadas: uma função transcendental de destruição e uma função empírica de construção.

PALAVRAS-CHAVE

Pulsão, vida, morte, empírico, transcendental.

ABSTRACT

The present article suggests that it is possible to understand the difference between life drive and death drive, in Freud, in terms of empirical and transcendental. These categories help us because they allow us to think that the organism, specifically the psychic apparatus, has two functions that can be methodologically differentiated: a transcendental function of destruction and an empirical function of construction.

KEY WORDS

Drive, life, death, empirical, transcendental.

I.

Em seu importante livro sobre o movimento pendular e espiralado do pensamento de Freud, Luiz Roberto Monzani inicia o capítulo dedicado à pulsão de morte com a seguinte provocação: “Será que é preciso lembrar que a noção de pulsão de morte é uma das mais confusas e das mais difíceis de ser apreendidas no interior da teoria freudiana?” (2014, p. 141). Segundo Monzani, o livro *Além do princípio do prazer* é um texto “confuso”, “desorientador”, “embaraçoso”, “cheio de armadilhas e contradições”. Isso, em parte, pareceria justificar a divergência profunda existente entre os leitores e comentadores de Freud que tentam dar um significado a essa noção.

Mas não é só a dificuldade do texto *Além do princípio do prazer* que é desconcertante. Nos parece igualmente problemático o fato de, em diversos outros textos, a pulsão de morte receber sentidos muito diferentes. Como diz Daniel Lagache, citado por Laplanche: o conceito de pulsão de morte é “como a unidade formal de várias ideias conexas, mas não idênticas” (Lagache *apud* Laplanche, 1985, p. III). Ou ainda como diz Daniel Widlöcher, no Prólogo de *A pulsão de morte*: com a pulsão de morte, Freud procura formalizar “uma teoria geral que organiza, num sistema explicativo mais vasto, a interação dos processos psíquicos. Fundada na hipótese de uma tendência primária do organismo à redução completa das tensões, pretende dar conta do dualismo pulsional fundamental, da tendência à compulsão à repetição, da origem da agressividade e da primazia da autoagressividade sobre a dirigida contra outrem” (Widlöcher, 1988, p. 10).

No texto de 1920, *Além do princípio do prazer*, por exemplo, ela aparece, inicialmente, para dar conta do problema da compulsão à repetição, em seguida, aparece atrelado ao princípio de Nirvana que estaria além do princípio do prazer; em 1923, em *O eu e o Id*, aparece atrelada sobretudo ao Superego; em 1930, em *Mal-estar na civilização*, é indissociável da agressividade e, em 1933, na Conferência 32, é enfatizado seu caráter caótico e desordenado em oposição à função sintetizadora e organizadora de Eros.

Como se não bastasse essa miríade de significações, é também desconcertante a insistência de Freud no dualismo pulsional. Por que desconcertante? Porque se é verdade que vida e morte não são a mesma coisa, não é tão simples determinar com exatidão onde e como se dá essa separação. Nem sempre está claro, em Freud, se, afinal, somos um organismo que tendemos para a vida ou um ser que tendemos para a morte.

Jean Hyppolite também reconhece esse caráter contraditório da noção de pulsão de morte. Com ela, assegura Hyppolite, Freud teria defendido que o organismo vivo é um organismo que, face aos perigos externos, se defende da morte, mas que se

dedica, por um grande desvio, à morte que traz em si mesmo: “caminhamos em direção à nossa morte, resistindo a uma morte estrangeira” (Hyppolite, 1971, p. 429). Ao que parece, por um lado, viver é morrer, é ir em direção à morte; por outro lado, viver é o contrário da morte, é sempre uma tentativa de resistir e de se afastar dela.

E o próprio Freud é explícito quanto ao caráter “paradoxal” da vida e da morte. Diz ele na Conferência 32, logo depois de discutir uma possível proximidade do seu pensamento com o de Schopenhauer: “o que dizemos não é exatamente Schopenhauer. Não afirmamos que a morte é o único objetivo da vida; não deixamos de ver, junto à morte a vida. Reconhecemos dois instintos fundamentais e admitimos para cada um sua própria meta” (Freud, 2011, p. 258).

É em termos parecidos com esses que Monzani comenta o “paradoxo do princípio do prazer”. Para Monzani, o princípio do prazer traz em si uma ambiguidade. Pode ser pensado tanto como o “guarda-costas da vida” quanto como “lacaio da morte”. Por um lado, o princípio da descarga de excitação, que Freud irá chamar de princípio de prazer, é aquele que anima Eros, a pulsão de vida, e que conduz o aparelho psíquico “a seu estado ideal de funcionamento” (Monzani, 2014, p. 191). Por outro lado, esse mesmo princípio que garante a vida, e faz viver, faz “com que o prazer supremo seja idêntico ao alcançar uma redução a zero, isto é, à morte, ao aniquilamento total da vida” (*Ibid.*). Ou seja: o princípio de descarga de excitação parece ser tanto aquilo que garante a vida quanto aquilo que nos aproxima da morte. E nesse contexto, podemos lembrar da passagem de *Além do princípio do prazer* em que Freud afirma, por exemplo, que o princípio do prazer parece estar a serviço da pulsão de morte (Freud, 2010b, p. 238), que “é uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação” (*Ibid.*, pp. 236-7).

Mas, se é assim, se a vida está a serviço da morte, se o princípio do prazer e da constância de energia está a serviço de um princípio de Nirvana, de inércia ou de ausência de excitação, não estamos diante de um monismo mais do que de um dualismo pulsional? Em última instância não poderíamos dizer que toda pulsão é pulsão de morte? Freud, contudo, é categórico: “Desde o princípio nossa concepção era dualista, e hoje [1920] é mais claramente dualista do que antes” (Freud, 2010b, p. 224).

Levando a sério, então, a insistência de Freud, trata-se de compreender de que modo o dualismo pulsional pode ser compreendido, sem contradição, com as demais afirmações do psicanalista. Afinal, ao que parece, um dos pontos que torna confusa e difícil a noção de pulsão de morte, em Freud, diz respeito justamente ao modo como compreendemos a pulsão em termos de dualismo. No presente artigo, então, gostaria de apresentar a seguinte hipótese: do mesmo modo que Freud

apresenta o primeiro dualismo pulsional (pulsão sexual x pulsão do Eu) e a oposição libido do Eu e libido de objeto em termos funcionais, como *funções* diferentes de um mesmo órgão ou de uma mesma existência, também o dualismo pulsão de vida e pulsão de morte talvez possa ser pensado como um *dualismo funcional* que apontaria para um monismo originário: a vida, em particular a vida psíquica. Se isso faz sentido, diríamos que ambas as pulsões estão a serviço da vida psíquica e são *funções* diferentes dela; seriam duas direções possíveis, dois movimentos possíveis dos “processos vitais”, como diz Freud em *Além do princípio do prazer* (*Ibid.*, p. 220): uma *função construtiva* da vida psíquica e uma *função destrutiva* dela. Do lado da função construtiva, temos Eros e sua *função* de ligação (*Ibid.*, p. 236), do lado da função destrutiva, temos Tânatos e sua *função* de aniquilamento e desligamento.

Assim, diferentemente da interpretação de J. Laplanche que remete ambas as pulsões, a de vida e a de morte, às pulsões sexuais (Laplanche, 1988, p. 20), tenderia a pensar, na esteira de Deleuze (2009), a diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte em termos de empírico e transcendental. Essas categorias nos ajudam, pois nos permitem pensar que o organismo, e em particular o aparelho psíquico, tem duas funções que podem ser, metodologicamente, diferenciadas: uma função transcendental, aquela ligada à pulsão de morte, e uma função empírica, aquela ligada à pulsão de vida.

II.

De acordo com Monzani (2014, p. 142), Freud supõe um dualismo pulsional desde o início, mas é só em 1910, no texto sobre as perturbações da visão, que o apresenta teoricamente de maneira explícita. De um lado, diz Freud, há as pulsões que servem à sexualidade, “à obtenção de prazer sexual” (Freud, 2013, p. 318); de outro, há aquelas que “têm por meta a autoconservação do indivíduo, os instintos [*Trieb*] do Eu” (*Idem.*). Em geral, assegura Freud, ambas as pulsões provêm dos mesmos órgãos. A boca, por exemplo, está a serviço da alimentação e, portanto, da pulsão de autoconservação, mas é também a fonte do prazer sexual do beijo; “os olhos — continua Freud — percebem não apenas as alterações no mundo exterior que são importantes para a preservação da vida, mas também as características dos objetos que os tornam elegíveis como objetos de amor” (*Ibid.*, p. 319). Pulsão sexual e pulsão de autoconservação apontam, portanto, para duas funções diferentes de um mesmo órgão. Duas funções que devem se equilibrar, pois caso haja um desequilíbrio, caso uma das funções se sobressaia e imponha exigências excessivas, a outra é rejeitada. Esse seria o caso de certos transtornos psicogênicos da visão em que há um excesso de

“prazer sexual em olhar” e em que o Eu “perde seu domínio sobre o órgão, que então se coloca inteiramente à disposição do instinto [*Trieb*] sexual reprimido” (*Ibid.*, p. 320). O interesse sexual do ver é tão intenso que o Eu “nada mais quer enxergar” (*Ibid.*); ou ainda: a repressão ao prazer de olhar é tão forte, que por “vingança”, a pulsão reprimida, impedida de “maior avanço psíquico”, aumenta seu domínio sobre o órgão que a serve.

A conclusão que podemos tirar desse episódio de cegueira histórica é que as duas pulsões que animam as duas funções do órgão estão em conflito. Colocam dois tipos de exigências conflitantes a um mesmo órgão: o olho. De um lado temos uma exigência de prazer; de outro, uma exigência ligada a um princípio de realidade que quer ver e “reprimir” a pulsão sexual. O desenlace da contenda é uma espécie de compromisso entre as exigências mais fortes: a de prazer e a de repressão. Mas esse compromisso se dá às custas da visão. Como esclarece Freud: “a perda do domínio consciente sobre o órgão é a nociva formação substitutiva para a repressão malograda, que apenas a esse preço foi tornada possível” (*Ibid.*, p. 320).

Mas se o dualismo pulsional em 1910 diz respeito à oposição entre pulsão sexual e pulsão do Eu ou de autoconservação, sabemos que em 1914, no texto sobre narcisismo, Freud irá reconhecer que ao Eu se direcionam não só as pulsões de autoconservação, mas que ele igualmente pode tornar-se objeto ou meta de pulsões sexuais. O narcisismo, assim, seria um “complemento libidinal do egoísmo do instinto (*Trieb*) de autoconservação” (Freud, 2010a, p. 15). Com isso, garante Freud, haveria um investimento libidinal originário e primitivo no Eu. A partir de então, aparece um outro dualismo pulsional que passa a interessar o psicanalista: aquele que divide a pulsão sexual entre a que se direciona ao Eu e a que se direciona aos objetos. Confirma Freud: “A distinção entre uma libido que é própria do Eu e uma que se atém aos objetos constitui o inevitável prosseguimento de uma primeira hipótese, que separava instintos (*Trieb*) sexuais de instintos do Eu” (*Ibid.*, p. 20).

E seguindo a mesma estrutura descritiva do primeiro dualismo pulsional, Freud irá afirmar que o indivíduo tem uma “dupla existência” (*Ibid.*, p. 20) ou ainda uma “dupla função” (*Ibid.*, p. 21). Do mesmo modo que o órgão tem uma dupla função, como vimos no caso do olho, o indivíduo tem uma dupla existência que, em última instância, se reflete na dupla função dos órgãos (*Ibid.*, p. 21): ele tem a si mesmo como fim e se coloca como “elo de uma corrente” (*Ibid.*, p. 20). Por um lado, somos uma existência singular e individual, por outro, um ser vinculado aos outros, ao mundo e ao social. Com os termos da fenomenologia existencial, diríamos: somos tanto um ser-para-si quanto um ser-no-mundo. E do mesmo modo que a oposição

entre pulsão sexual e pulsão do Eu corria o risco de desembocar numa patologia no caso de um excesso de uma em detrimento da outra, acontecerá a mesma coisa no que diz respeito aos dois tipos de pulsão sexual: “Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (*Ibid.*, p. 17). Os quadros de megalomania e de hipocondria nas parafrenias seriam exemplos de um emprego excessivo de libido no Eu e, em contrapartida, de um empobrecimento de investimento libidinal nos objetos. Desse modo, ficar muito preso ao ser-para-si adoece, assim como só estar aberto ao mundo e aos objetos. Com as palavras de Freud: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (*Ibid.*, p. 29).

Para Monzani, esse novo dualismo de Freud, contudo, é pouco convincente. Afinal, não estaria claro se, a partir de 1914, toda pulsão de autoconservação deveria ser pensada como pulsão sexual ou se Freud manteria a distinção entre um investimento libidinal no Eu e um investimento não libidinal no Eu. De acordo com o filósofo, essa seria uma ambiguidade que justificaria o esforço freudiano de tentar reformular mais uma vez sua teoria da pulsão em 1920, em *Além do princípio do prazer*, mantendo ainda, contra Jung, uma tese dualista.

Monzani lembra que a postulação da pulsão de morte gerou muita reação negativa entre os psicanalistas. Desde discípulos mais ortodoxos, como Jones e Fecinhe, como aqueles que já tinham se afastado de Freud, como Reich ou Horney, criticaram fortemente a noção. Nesse sentido, garante Monzani, o conceito de pulsão de morte é um divisor de águas. Muitos, nesse momento, romperam com a teoria psicanalítica; outros, preferiram “separar o joio do trigo”, como diz Monzani. Preferiram analisar mais de perto a teoria e deixar de lado o que se mostrava inconveniente ou inútil. Assim, seria possível deixar de lado a noção de pulsão de morte já que para alguns ela se mostrava inútil do ponto de vista clínico e que para outros a noção de agressividade, essa sim tão presente na prática, não precisava ser questionada em seus fundamentos últimos. Além disso, houve também quem criticasse a noção de pulsão de morte em função de seu caráter hipotético, especulativo, metafísico e, portanto, não científico (Monzani, 2014, pp. 145-147). Tiveram também aqueles que preferiram ler a obra de Freud com as lentes da própria psicanálise. Reconheciam que o texto de 1920 é um dos textos mais confusos e cheios de vaivéns de Freud, mas ao invés de ver nisso a marca de um pensamento filosófico, viam em todas essas

dificuldades o *indício* “de que algo outro está sendo expresso nele” (*Ibid.*, p. 147): os conflitos e as pulsões contraditórias do próprio autor¹.

Para Monzani, apesar das divergências dessas interpretações, o que elas parecem ter em comum é que veem na noção de pulsão de morte uma ruptura ou uma reviravolta no interior do pensamento freudiano. E é exatamente isso que ele colocará em questão. Nesse sentido, Monzani é partidário de Laplanche cuja “abordagem do pensamento freudiano tende a negar que existam nele momentos de verdadeira ‘ruptura’” (Laplanche, 1985, p. 11). Sendo assim, o esforço de Monzani parece similar ao de Laplanche, que tenta dar aos conceitos “seu lugar na economia geral do pensamento freudiano” (Monzani, 2014, p. 89), indicando tanto o elo que o conceito de pulsão de morte tem com o que Freud falara antes quanto a diferença ou a novidade que ele impôs a todo o sistema

Monzani, que confessa seguir as pistas deixadas tanto por Ricoeur (*Da interpretação: ensaio sobre Freud*) quanto por M. Robert (*A revolução psicanalítica*), sustenta que a noção de pulsão de morte não é algo absolutamente novo no pensamento de Freud e que o texto de 1920 não seria uma novidade absoluta em relação aos textos anteriores, mas antes um *retorno* às origens. Um retorno, por exemplo, ao *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, assim como a autores que naquele momento eram ainda uma referência importante para Freud e para a Psicologia como um todo, como Fechner².

Do ponto de vista do *retorno* que o texto *Além do princípio do prazer* faz ao *Projeto...*, e, portanto, da continuidade que o conceito de pulsão de morte representa no interior da teoria freudiana, Monzani chama atenção para a oposição entre o princípio de inércia e o princípio de constância. O primeiro é aquele que está ligado a um estado de desordem e, por isso mesmo, de ausência de ação. Uma “tendência ao zero”, como diz Laplanche (1985, p. 110). É próprio do ser inorgânico e, portanto, da morte. O princípio de constância, por outro lado, é aquele que está ligado a um estado de ordenação, de atividade e vida.

¹ Laplanche chama atenção para o mesmo fato: “Sedutora, traumatizante, a introdução forçada da pulsão de morte não podia senão suscitar, nos herdeiros de Freud, todas as variações possíveis de defesa: motivada recusa em alguns; aceitação puramente escolástica da noção e do dualismo Eros-Tânatos, em outros; aceitação, de maneira modificada e cortada de suas bases filosóficas, da parte de um autor como Melanie Klein, e, mais frequentemente ainda, a preterição ou o esquecimento completo da noção...” (1985, p. 109).

² Essa também é a opinião de Laplanche, que afirma que o texto retoma e reelabora ideias antigas, principalmente as do *Projeto*, e sobretudo aquelas ligadas a um certo biologismo (Cf. Laplanche, 1985, pp. 109 e sg.).

De acordo com Monzani, o princípio do prazer, ou de constância, pode ser entendido como princípio regulador que faz o aparelho psíquico se livrar de um desprazer advindo dum excesso de excitação. O prazer, portanto, é um efeito que se obtém com a ausência de desprazer. Ele só aparece quando a operação psíquica é bem-sucedida e o desprazer desaparece. Sendo assim, o desprazer, e não o prazer, “é o grande motor que aciona e desenvolve o aparelho psíquico, é o grande mestre, como diz o *Projeto...*” (Monzani, 2014, p. 182).

Monzani entende que os antecedentes do princípio de prazer ou de desprazer já estão presentes nos textos no início da década de 90, quando ainda havia a colaboração com Breuer, e quando as considerações ainda se dão em termos de neurobiologia. Nesse período, se fala em princípio de constância: uma tendência do aparato nervoso em manter constante a quantidade de excitação em vista de um nível ótimo de desempenho. E já nessa época, Freud apresentava dois princípios reguladores do aparelho psíquico: *além* do princípio de constância haveria um outro princípio que lhe serviria de fundamento: o princípio da inércia neuronal. Um princípio geral e originário do aparelho psíquico que regularia a atividade neuronal em termos econômicos e que afirma que os neurônios tendem a se livrar de toda e qualquer energia. Um princípio de regulação do aparelho psíquico que tende não a manter um nível ideal de energia, mas a levá-la a um nível zero. Daí a conclusão de Monzani: “o princípio de inércia não tem absolutamente nada a ver com a manutenção da ordem vital. Ele é, rigorosamente falando, um princípio de antvida: sua realização completa, plena e integral, desemboca na morte” (Monzani, 2014, p. 192).

Contudo, mesmo sendo um princípio antvida que expressa uma tendência em direção à morte, o princípio da inércia ou do Nirvana, apesar de ser nomeado como um além do princípio do prazer, não é em absoluto diferente dele. Ao contrário, parece ser aquilo mesmo que lhe dá fundamento. Afinal, seria possível pensar que, em última instância, o princípio do prazer ou da constância de energia nada mais é do que um *caso* do princípio de inércia ou de Nirvana. Com isso, chegamos àquele paradoxo do princípio do prazer anunciado acima: o princípio do prazer, que anima e rege Eros, responde originariamente a Tânatos. A pulsão de vida está a serviço da pulsão de morte: o princípio do prazer “é uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação” (Freud, 2010b, p. 237). Mas como exatamente compreender que a pulsão de vida está “a serviço da pulsão de morte”? Segundo Monzani, isso significa que o princípio do prazer, que rege a vida, é uma *modificação* da pulsão de morte; representa uma tendência à inércia que se *transformou* em tendência à constância (Monzani, 2014, p. 205). É exatamente o que

diz Freud: “devemos nos dar conta de que o princípio de Nirvana que resulta da pulsão de morte sofreu uma *modificação* no ser vivo [...], através da qual se *transformou* em princípio do prazer” (Freud *apud* Monzani, 2014, pp. 204-5).

Mas o que vemos aqui? No meu entender, vemos que o aparelho psíquico tem duas tendências e responde a duas exigências diferentes: “o princípio de Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte; o princípio do prazer representa a reivindicação da libido” (Freud *apud* Monzani, 2014, p. 205). Do lado da pulsão de morte, há uma tendência fundamental, básica e primária à evacuação total das tensões, como diz Monzani (2014, p. 207); do lado da pulsão de vida, há uma tendência a manter a excitação constante ou no menor nível possível. Em termos funcionais diríamos o seguinte: por um lado, o aparelho psíquico tem, arcaicamente, a *função* de se livrar das excitações da maneira mais fácil e rápida possível, pelo caminho mais curto: uma *função destruidora* diríamos; função de “desligamento, anulação da tensão, a recondução ao inorgânico e seu estágio original de quietude gélida, mineral” (*Ibid.*, p. 180). Por outro lado, o aparelho psíquico tem também uma *função de ligação*, isto é, tem a capacidade de organizar ou ordenar a excitação: *função construtora*, ou sintetizadora. E é precisamente graças a essa *função sintetizadora*, como veremos, que o aparelho psíquico é capaz de *transformar* ou *modificar* sua tendência mais arcaica que o impele à morte e à destruição total das excitações e de si mesmo.

Assim, se dissemos acima que a pulsão de vida está a serviço da morte, agora é preciso acrescentar que a pulsão de vida — Eros, a libido — parece ser aquilo mesmo que nos afasta dela. A partir do momento em que a função sintetizadora e ordenadora do aparelho psíquico começa a trabalhar, a função arcaica de desligamento e de destruição vai se “transformando” e se “modificando”. Nesse contexto, estou com Monzani, que afirma: “Eros vai adquirir a propriedade inquietante de ser perturbadora da ordem gélida do inorgânico” (*Ibid.*, p. 216).

Vejamos então em que sentido seria possível compreender que Eros é uma espécie de transformação ou de modificação de Tânatos. Para tanto, gostaria de me valer de preciosos apontamentos tanto de Deleuze quanto de Foucault.

III. Pulsão de morte e o homem enquanto um duplo empírico-transcendental

Segundo Deleuze, “De todos os textos de Freud, é sem dúvida na obra-prima *Além do princípio do prazer* que ele penetra o mais diretamente [...] numa reflexão propriamente filosófica” (Deleuze, 2009, p. 109).

Diferente daqueles que preferiram descartar a noção de pulsão de morte por se tratar de um conceito extremamente filosófico, hipotético e mítico, Deleuze vê justamente no caráter especulativo desse conceito seu grau de genialidade³. Para Deleuze, a pulsão de morte é um conceito transcendental⁴. Mas o que exatamente significaria isso? Ao que parece, isso significaria apontar para um modo original e *a priori* do funcionamento psíquico: um modo de funcionamento regido por uma função destrutiva e pela pulsão de morte. A função construtiva e de ligação do aparelho psíquico, regida pelo princípio de prazer, portanto, entraria em cena somente secundariamente, *a posteriori*. Seria, então, de modo secundário que a pulsão de vida começaria a operar no sentido de manter a energia psíquica constante ou o mais baixo possível, possibilitando assim a constituição de uma vida psíquica minimamente organizada e de um sujeito psicológico.

Para Deleuze, era necessário, de um ponto de vista metodológico, que Freud justificasse a necessidade de existir o princípio de prazer como regulador da vida psíquica. Diz Deleuze: “há pelo menos uma coisa de que o prazer não dá conta e que lhe permanece exterior: é o valor de princípio que ele está determinado a tomar na vida psíquica” (Deleuze, 2009, p. III). Seria aqui, então, que Freud teria sentido a necessidade de postular um outro princípio, não mais psicológico, a fim de *fundamentar* suas descobertas empíricas: “Trata-se da descoberta de um princípio transcendental” (*Idem, ibid.*). E esse outro princípio seria aquele que de modo confuso é chamado de pulsão de morte, e que afirmaria que, originalmente, o aparelho psíquico tende a funcionar de modo a eliminar por completo suas tensões e a voltar a um estado zero de energia. Sobre a pulsão de morte e o princípio que a rege, diz Deleuze: “Ele desempenha o papel de um princípio transcendental, ao passo que o princípio de prazer é tão-somente psicológico. Eis por que ele é antes de tudo silencioso (não dado na experiência), ao passo que o princípio de prazer é ruidoso” (Deleuze, 2006, p. 40).

Falar da pulsão de morte em termos transcendentais, contudo, não é simples. Afinal, quando Freud o postula, o faz justamente apontando para o fato de ele se manifestar *positivamente* na experiência, no empírico: numa brincadeira infantil, numa neurose traumática ou na transferência, para ficar com os casos emblemáticos de *Além do princípio do prazer*. Sobre isso, então, Deleuze provoca: “como o tema

³ Sobre a leitura de Deleuze sobre a pulsão de morte, Cf. Montebello (2011).

⁴ Sobre o caráter especulativo do trabalho de Freud e seus paralelos com a pesquisa crítica e transcendental de Kant, ver Fulgencio (2002), (2003).

da morte, que parece reunir o que existe de mais negativo da vida psicológica, pode ser em si o mais positivo [...] a ponto de afirmar a repetição?” (*Ibid.*). Para Deleuze, ao que parece, a morte, enquanto princípio regulador transcendental que não se cansa de se repetir, de se fazer “presente”, só apareceria, em Freud, de maneira mascarada, disfarçada: “A repetição é verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir e o que só se constitui ao se disfarçar” (*Ibid.*, p. 41).

Ora, a última passagem citada de Deleuze é de *Diferença e Repetição*, de 1968. Dois anos antes, em 1966, Foucault, em *As palavras e as coisas*, tratava igualmente do tema da *repetição* e do problema da relação entre empírico e transcendental. Por meio de uma arqueologia das Ciências Humanas, Foucault pergunta-se sobre a especificidade do *homem* moderno enquanto objeto das Ciências Humanas. Segundo o filósofo, uma das marcas distintivas desse “homem” é o de ser um duplo empírico-transcendental, um ser problemático e ambíguo em que o transcendental se *repete* no empírico: “o limiar da nossa modernidade [...] está situado [...] no dia em que se constitui um duplo empírico-transcendental a que se chamou *homem*” (Foucault, 2002, p. 439). Segundo Foucault, na filosofia, o marco da nossa modernidade se dá com Kant. E em sua tese complementar, de 1961, que consistiu numa tradução e introdução ao texto kantiano *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Foucault defende que é precisamente nesse texto que o *homem* aparece como um duplo: ele é a um só tempo um ser que traz em si de modo *a priori* princípios gerais e universais de funcionamento, mas que, empiricamente, faz um *uso* singular de suas condições transcendentais. Todo homem, por exemplo, tem, *a priori* ou transcendentalmente, a capacidade mental de elaborar representações; empiricamente, contudo, cada um faz um *uso* específico delas. Há homens, por exemplo, que “não podem abstrair”, que não são capazes de separar uma representação da outra. E isso pode ser ruim, tanto individual quanto socialmente. Vejamos um exemplo de Kant:

O noivo poderia fazer um bom casamento, se pudesse deixar de lado uma ver-ruga no rosto ou uma falha nos dentes da amada. Mas é um costume especialmente ruim de nossa faculdade de atenção fixá-la, mesmo sem intenção, justo no que há de defeituoso nos outros, voltando os olhos para a visível falta de um botão no casaco, para falhas nos dentes ou para um habitual erro de linguagem, o que desconcerta o outro, mas também estraga o próprio prazer que se poderia ter no convívio com ele (Kant, 2006, pp. 31-32).

Seguindo Kant, podemos dizer, portanto, que há bons e maus usos de nossas faculdades mentais. Afinal, como nos ensina Foucault (2008), no tempo, ou

empiricamente, toda nossa capacidade transcendental estará ameaçada e corre o risco de se desviar. Há usos que nos vivificam assim como contribuem para a vida da comunidade, e usos que seriam prejudiciais a esses fins supremos. No exemplo dado, não *usar* ou exercitar a faculdade de abstração e só fazer *uso* da atenção seria ruim, em nada contribuiria para a vida individual ou em grupo.

Ora, se retomo aqui Foucault e sua leitura da antropologia pragmática de Kant, é para podermos pensar, em Freud, o tema da repetição do transcendental no empírico em termos de *uso*. Mais especificamente: para poder pensar o tema da repetição da morte na vida em termos de uso. A hipótese seria a seguinte: se a pulsão de morte é uma entidade transcendental, tal como sugere Deleuze, talvez seja legítimo dizer que, empiricamente, o que se vê são diferentes *usos* dela. Mais ainda: se a pulsão de morte é da ordem do transcendental, da ordem de uma função psíquica original e *a priori*, que nunca se mostra “pura” na experiência, a pulsão de vida, de ordem psicológica, seria uma função psíquica secundária e *a posteriori*. Com isso, teríamos o seguinte: a partir do momento que o aparelho psíquico exerce empiricamente sua função de ligação e de construção, e que começa uma vida psicológica singular, aparece a pulsão de vida sendo regida pelo princípio do prazer. Pulsão de vida regida pelo princípio do prazer que seria, contudo, um *uso empírico* da pulsão de morte, uma espécie de versão atual e singular daquilo que em nós é o mais arcaico, ou seja, uma espécie de transformação, modificação ou disfarce, como quer Deleuze, da pulsão de morte. A vida, nesse sentido, seria uma repetição da morte; uma repetição, entretanto, que a transforma e que, no fim das contas, se desvia dela.

A fim de verificar a legitimidade dessa hipótese de compreensão seria preciso, então, retomar os principais textos em que Freud discute o tema da pulsão de morte e investigar como o dualismo pulsão de vida e pulsão de morte, pensado em termos de um duplo empírico-transcendental, se apresentaria no contexto da questão da tendência à compulsão à repetição, da origem da agressividade e do masoquismo originário. Verificar se, de fato, nesses contextos estudados por Freud a pulsão de morte aí indicada nunca aparece de modo isolado ou puro, mas sempre disfarçada, mesmo que minimamente, por Eros.

Bibliografia

- Deleuze, G. (2009). *Sacher-Masoch: o fio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2006). *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

- Foucault, M. (2002). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2008). “Introduction à l’Anthropologie”. In Kant, E. *Anthropologie d’un point de vue pragmatique*. Paris: Vrin.
- Freud, S. (2010a). *Obras completas*, vol. 12: *Introdução ao narcisismo* [1914]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2010b). *Obras completas*, vol. 14: *Além do princípio do prazer* [1920]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2011). *Obras completas*, vol. 16: *Conferência 32* [1933]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2013). *Obras completas*, vol. 9: *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* [1910]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hyppolite, J. (1972). *Figures de la pensée philosophique*, t. I. Paris: PUF.
- Kant, I. (2006). *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Célia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1988). “A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual”. In: Green, A. et al. *A pulsão de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta.
- Monzani, L. R. (2014). *Freud. O movimento de um pensamento*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Widlöcher, D. (1988). “Prólogo”. In: Green, A. et al. *A pulsão de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta.